

## IMAGENS DE(O) DISCURSO E DE(O) SUJEITO: ALTERIDADE E VALORAÇÃO

### *DISCOURSE AND SUBJECT IMAGES: OTHERNESS AND EVALUATION*

Rodrigo Acosta Pereira  
Doutor em Linguística  
Universidade Federal de Santa Catarina  
(acosta.pereira@ufsc.br)

Amanda Maria de Oliveira<sup>1</sup>  
Graduada em Letras  
Universidade Federal de Santa Catarina  
(amandahmo@hotmail.com.br)

**RESUMO:** No artigo em tela, objetivamos apresentar uma discussão teórico-analítica em torno de dois conceitos estudados pelo Círculo de Bakhtin: discurso e subjetivação. Para tanto, além de revisitarmos os diversos escritos dos pensadores russos, selecionamos, em duas revistas de versão online: Claudia e Nova, 10 (dez) exemplares do gênero carta de conselhos para correlacionar a análise das cartas com a discussão teórico-conceitual. Os resultados apontam para diferentes imagens de(o) discurso e de(o) sujeito enunciativamente engendradas nas cartas publicadas nas referidas revistas.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin; Discurso; Subjetivação; Cartas de conselhos

**ABSTRACT:** In this paper, we aim at presenting a theoretical-analytical discussion around two concepts studied by Bakhtin's Circle: discourse and subjectivities. To do so, besides reviewing the various writings from Russian thinkers, we selected in two online magazines: Claudia and Nova, 10 (ten) samples from the genre *advice letters* to correlate the letter analysis with the theoretical-conceptual discussion. The findings point to different images from discourse and subject textually engendered in the letters published in the referred magazines.

**Keywords:** Bakhtin's Circle; Discourse; Subject; Advice letters

### Introdução

A vida social contemporânea tem demandado que as pessoas sejam capazes de desenvolver habilidades comunicativas que reforcem seus papéis na sociedade: sua participação em diferentes interações cooperativas, assim como contribuição de uma visão crítica para a sociedade. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 25), neste novo milênio, “a realidade está marcada por novos fenômenos irreversíveis e tendências como globalização e interação entre culturas, com consequências diretas sob o comportamento e a vida diária das pessoas, principalmente por meio de hábitos e escolhas linguísticas”.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística.

Dessa forma, podemos entender que, nessa busca de compreensão dos papéis que desempenhamos nas diversas práticas sociais, nos constituímos incessantemente atravessados axiologicamente pela voz, pelas ações e pelas percepções de outrem em relação a nós mesmos. Bakhtin (2003[1979]) discute essa questão, afirmando que a relação de alteridade é constitutiva do sujeito, à medida que é nesse (des)encontro que é possível a noção de si mesmo. O autor ressalta que,

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo [...] **Definição do sujeito nas relações entre sujeitos:** concretude, integridade, responsividade, inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 373-374, grifo nosso).

É sob essa perspectiva teórico-metodológica dos estudos bakhtinianos em relação à linguagem e à subjetividade (BAKHTIN, 1998[1975]; 2003[1979]; [VOLOCHÍNOV] 2006[1929]), que buscamos, nessa investigação, analisar as pluridiversificadas imagens de(o) discurso e de(o) sujeito no gênero carta de conselhos publicadas em revistas virtuais (versões *online*). Para tanto, selecionamos, 5 exemplares (textos-enunciados) da Revista **Cláudia online** e 5 exemplares (textos-enunciados) da Revista **Nova online**. Em outras palavras, objetivamos compreender como a voz de outrem, que se entrecruza nesse discurso, atravessa axiologicamente<sup>2</sup> a imagem<sup>3</sup> da mulher contemporânea. Em síntese, procuramos discutir como,

Neste sentido, todas as palavras, além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é uma reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do

<sup>2</sup> Podemos observar, assim, que, para Bakhtin (2003[1979]; [Volochinov] 2006[1929]), os índices valorativos/axiológicos são saturados por ideologias e se constituem nas diversas situações de interação social, portanto, são de natureza interindividual. No meio social, as diversas condições socioeconômicas essenciais para a dinâmica e articulação do grupo em sua rede de relações interpessoais agem sob os sentidos e sob as significações interindividuais, formando signos e os saturando de valores (recortes valorativos) e de orientações (ideológicas). Com isso, “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social”. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 46).

<sup>3</sup> Imagem de(o) sujeito.

discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas nas palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2003[1979], p. 379).

A partir disso, o artigo está organizado da seguinte forma: a seção de introdução, apresentando uma breve contextualização sobre o tema da pesquisa; a seção de revisão de literatura, na qual objetivamos discutir os conceitos de discurso e subjetividade em relação com o gênero carta de conselhos e, na seção de análise, a delimitação dos resultados acerca dos efeitos de sentido da voz de outrem como discurso que atravessa ideológico e valorativamente/axiologicamente a subjetividade feminina na contemporaneidade.

### **O discurso e o atravessamento axiológico de outrem na alteridade**

O sentido do discurso, segundo Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]; 2008[1963]), é potencialmente infinito, multifacetado e pluriestilístico, e se constrói como tal apenas em contato com sentido(s) outro(s) em uma relação essencialmente dialógica. Assim, Bakhtin (2003[1979]) afirma que a perenidade semântica do discurso só existe nesse encontro de sentido(s), pois é nessa relação dialógica que se revelam novos elementos de sua infinitude: ele está sempre relacionado com outros em um elo no qual se encontram e se renovam em uma cadeia infinita. Em outras palavras, os sentidos, bem como seus efeitos, não pertencem a um só matiz, mas a dois que se encontram e se engendram num processo contínuo, de permanente negociação e regulação (SOBRAL, 2009).

Bakhtin (2003[1979]; 2008[1963]) entende que esse dialogismo existente no encontro de sentidos se constitui na outridade, isto é, no enfrentamento/na relação entre diferentes consciências sociais. É sob esse panorama que o autor apresenta suas postulações sobre a construção da alteridade e, por conseguinte, da subjetividade, a partir do atravessamento discursivo de outrem.

Para Bakhtin (2003[1979]), o **eu** me é dado sempre pela voz do outro, ou seja, “o **eu** se esconde no outro e nos outros, entra até o fim no mundo dos outros como outro, livra-se do fardo de **eu** único no mundo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 383, grifos do autor). A presença alheia na formação da consciência não pode ser negada, pois é através da apreciação exterior, pela voz do outro, que me constituo como tal. Com isso, Bakhtin (2003[1979]) procura desconstruir a ideia de alteridade

na medida em que busca, a princípio, entender a concepção do **eu** e como dessa compreensão poderia significar a construção da (inter)subjetividade. Nessa perspectiva, o autor pontua que,

Minha imagem de mim mesmo. Qual a índole da concepção de mim mesmo, do meu eu em seu todo? Em que ele se distingue essencialmente da minha concepção do outro? A imagem do eu ou o conceito, ou o vivenciamento, a sensação, etc. A espécie de ser dessa imagem. Qual a composição dessa imagem [...]. O que compreendo por eu quando falo e vivencio: “eu vivo”, “eu morro”, etc. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 382, grifos do autor).

Por palavra do outro, Bakhtin (2003[1979]) entende qualquer outra palavra que não seja minha, e viver significa reagir a essa palavra, levá-la em conta, assimilá-la, sempre em um dialogismo constitutivo: em uma luta dialógica e em construção de novos sentidos. Sendo assim, Bakhtin (2003[1979]) afirma que a conscientização do **eu** se dá em um processo dialógico com o outro, isto é, em âmbito intersubjetivo, que envolve, por sua vez, enfrentamento de posições ideológico-valorativas em relação às quais assumimos um papel ativo.

Ponzio (2011) esclarece que a alteridade se encontra na mesma esfera do **eu**, sem que este comporte por completo a assimilação do alheio ou se encerre em sua própria totalidade. O autor explica, em termos bakhtinianos, que a relação com o outro na alteridade não se estabelece em termos de oposição, em uma relação estabelecida entre sujeito-objeto, como uma “alteridade dialética” (PONZIO, 2011, p. 193). Contrariamente, o autor entende que a relação com o outro vai além de um enfrentamento de oposições, na medida em que “o outro que está dentro do **eu** é o que produz, em um nível linguístico, a dialogização interna da palavra [...]” (PONZIO, 2011, p. 93, grifo do autor). Assim, o outro é inseparável do **eu**, sendo que essa relação entre a minha palavra e a palavra alheia deve ser compreendida no plano dos sentidos.

Bakhtin (1998[1975]) afirma que esse encontro do **eu** com o outro tem no discurso vivo, tomado enquanto fenômeno integral concreto, sua realidade legítima. Segundo o autor, toda tomada da palavra penetra na tensa luta entre a minha voz e a de outrem, entre diferentes vozes que se entrelaçam, enfim, no enfrentamento de julgamentos e posições sociais. O discurso, produzido nesse diálogo social, não existe separadamente aos fios ideológicos tecidos nessa multiplicidade de vozes

discursivas; é essa plenitude de ressonâncias dialógicas que penetra no discurso e constitui sua dialogicidade interna.

Além disso, Bakhtin (1998[1975]) explica que todo discurso vivo está orientado de forma legítima às vozes alheias: está orientado para os já-ditos, ou seja, para as ressalvas já feitas, ao mesmo tempo em que é influenciado profundamente pelo discurso-resposta futuro, pela resposta antecipada que impregna a minha palavra. Nessa perspectiva, “o locutor penetra no horizonte alheio de seu ouvinte, constrói a sua enunciação no território de outrem, sobre o fundo aperceptivo do seu ouvinte” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 91). Com isso, podemos entender que é nesse diálogo de réplicas, de vozes, de confrontos e de entrecruzamentos que nos constituímos enquanto sujeitos, num dialogismo valorativo no qual o **eu** e o outro se interceptam.

É sob esse âmbito que as cartas de conselhos se apresentam como instâncias de diálogo entre o **eu** (a mulher marcada por seus problemas íntimo-pessoais) e o outro (o especialista marcado por discursos de soluções imediatas). Embora limitados por fronteiras espaços-temporais, os limites de interpelação da voz de outrem na construção do **eu** feminino são desenlaçados. Assim, “não [se] po[de] agir como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me, determina radicalmente a minha condição” (BAKHTIN, 2003[1979], p. XXVIII).

### **Subjetivação: imagens de(o) sujeito**

Em relação à concepção de sujeito nos escritos do Círculo, diversas são as questões pontuadas nas diferentes obras dos pensadores russos. Inicialmente, podemos afirmar que Bakhtin (2010[1919-1924]), em “Para uma filosofia do ato responsável”, postula que cada sujeito é único, ou seja, não pode haver qualquer tipo de substituição para sua individualidade, nem qualquer fuga de seus próprios atos, isto é, não existiria nenhum alibi para o existir singular do ser.

Além disso, no ensaio “Arte e responsabilidade”, Bakhtin (2003[1979], p. 5-6) afirma que “[...] a personalidade deve tornar-se cada vez mais responsável. Todos os seus aspectos devem não só organizar-se ao longo do fluxo temporal da sua vida, mas também entrecruzar-se na unidade da culpa e da responsabilidade“. Portanto, unicidade e singularidade engendram-se na ideia de responsabilidade na abordagem da questão do sujeito nos escritos iniciais do Círculo.

Tornar-se único é tornar-se responsável, como bem pontua Bakhtin [Volochínov] (2006[1929]) ao reiterar que o indivíduo, como sujeito ético no evento singular de sua existência, deve assumir-se enquanto sujeito, dentre outros aspectos, pelo seu discurso, isto é, a partir da “[...] palavra que realmente signifique e assuma a responsabilidade pelo que diz” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 61). É partir dessa perspectiva que visamos a analisar no presente artigo a questão da imagem de(o) sujeito a partir do (seu) discurso.

Por imagem de(o) sujeito, entendemos a representação valorativa de sujeito que se constrói discursivamente nas interações de que participa, isto é, a imagem subjetiva dos interlocutores que se relacionam em diferentes interações. Com base nisso, na especificidade da análise das cartas, como já dito, objetivamos analisar como se constroem neste gênero discursivo as imagens de(o) discurso e de(o) sujeito.

Dito de outro modo, objetivamos analisar quais as imagens de(o) discurso e de(o) sujeito que se constroem por meio do gênero carta de conselhos em revistas virtuais, especificamente aquelas direcionadas ao público leitor-feminino. Sob essa perspectiva, antecipamos que, neste trabalho, concordamos com Sobral (2009) ao afirmar que o sujeito, para o Círculo, apresenta três características essenciais:

1. É dotado de uma constituição psíquica que explica sua identidade relativamente fixada, os elementos que lhe permitem perceber uma da continuidade psíquica em si mesmo, aquilo que ele mesmo identifica como seu “eu”. Dizemos “relativamente fixada” para mostrar que, se a consciência do sujeito permanece com certa continuidade, nem por isso ela deixa de se modificar: o sujeito, por mais diversas que sejam as suas relações com os outros sujeitos, não deixa de ser ele mesmo, mas, naturalmente, vai se alterando a partir dessas relações e, nesse sentido, também é uma entidade em mutação;
2. Traz na constituição de sua condição de sujeito, de sua “subjetividade”, as marcas dos aspectos sociais e históricos de sua vida em sociedade, de sua “intersubjetividade”, que vão se integrando gradativamente à sua identidade, a partir do reconhecimento de seu ser pelo outro, a partir dos deslocamentos de suas posições individuais que as relações com os outros provocam, etc.
3. Age sempre (o que inclui todos os atos: cognitivos, verbais, etc.), segundo uma avaliação/valoração daquilo que faz ao agir/falar, e pela qual se responsabiliza, e o faz a partir tanto da identidade que forma e vê reconhecida como das coerções que suas relações sociais lhe impõem ao longo da vida e que vão

alterando essa identidade que ele veio a formar. (SOBRAL, 2009, p. 51, grifos do autor).

Reiteramos que nosso objetivo não é discutir extensivamente os conceitos de discurso e de sujeito/subjetivação para o Círculo, o que demandaria outro estudo/artigo/ensaio, mas procurar entender sob quais imagens (de(o) discurso e de(o) sujeito) o remetente e o conselheiro interagem discursivamente por meio do gênero carta de conselhos. Em outras palavras, objetivamos elucidar quais as imagens (projeções ideológico-valorativas) que se constroem para esses dois interlocutores nessa situação interativa.

### **As revistas femininas no século XXI: um “olhar mais amplo” para as cartas de conselhos**

Heberle (2004) e Figueiredo (1997) apresenta diversas discussões acerca das revistas direcionadas ao público feminino contemporâneo. Em suas postulações, a autora ressalta duas questões que se caracterizam contraditórias: o apoio à liberdade e à transgressão de atitudes progressistas das mulheres na sociedade atual, e a restrição punitiva quanto à infração em relação às normas tradicionais da sociedade. Discursos em contradição, paradoxos da pós-modernidade? Entendemos que essas mudanças/transformações sociais, culturais e ideológicas da sociedade contemporânea e sua relativa confluência com a construção da subjetividade estão de acordo com o que Goergen (2005) pontua. O autor afirma que

[Estamos] inseridos no turbilhão de transformações que nos circunda e afeta a nossa forma de pensar, de sentir e de agir. [Pergunta-se] a respeito de reflexões acerca do que representa o processo de desvanecimento e desconstrução dos fundamentos das normas e valores que orientam o comportamento humano [...] (GOERGEN, 2005, p. 62).

Em concordância com Goergen (2005) e Heberle (2004), podemos entender que as revistas para mulheres podem ser consideradas espaços reconstrução de valores mediante as transformações sociais. Práticas discursivas em diálogo, a revista passa ser a irmã, a mãe, a amiga, a terapeuta, a psicológica, isto é, “as revistas para mulheres existem em um mundo social que contém muitos elementos de pura fantasia” (HEBERLE, 2004, p. 86) em contradição ao plano das factuais das práticas sociais contemporâneas. Heberle assim esclarece:

Revistas para mulheres formam um “sistema semiótico multimodal composto de vários gêneros textuais como horóscopo, propaganda, entrevista, resenha de livros e filmes, receita culinária, reportagem, carta de leitoras, etc. que, juntamente com fotos, imagens, cores, a sequência e a combinação dos artigos e propagandas estão interdiscursivamente ligados” (HEBERLE, 1999, p. 74). São uma forma atraente de cultura comercial (McCRACKEN, 1993, p. 10) e servem como guias ou manuais para a resolução de problemas femininos. Os temas abordados nessas publicações enfatizam questões de beleza, sexo, saúde e relacionamentos, voltados geralmente às mulheres brancas, heterossexuais, da classe média. (HEBERLE, 2004, p. 86)

Sob essa perspectiva, entendemos que a relevância de se estudar um dos gêneros do discurso da esfera do jornalismo de revista – a carta de conselhos – está na questão das revistas representarem uma das indústrias mais lucrativas do globo, serem direcionadas a públicos femininos de diferentes alcances e culturas, além “das informações e pressuposições importantes que veiculam sobre a identidade das mulheres na sociedade contemporânea” (HEBERLE, 2004, p. 87). Seguem abaixo dois exemplares das cartas analisadas no presente artigo.

**CLAUDIA**

AMOR E SEXO RELAÇÕES VIDA A DOIS

**Tenho 27 anos e estou casada há três com um homem de 30 que nunca me procura. Sou bonita, ando bem arrumada e tenho certeza de que sou desejável. Ele também é vaidoso, pratica jiu-jitsu e sei que não me trai. Nossos amigos acham que ele é gay. Como fazê-lo confiar em mim e me contar o que se passa? Aliás, o que se passa?** Estranho mesmo. Vocês são casados há pouco tempo, era para a relação ainda estar dando um belo caldo. Mas vem cá... E quando namoravam? Era diferente? Ele era sexy com você ou já dava sinais de desinteresse? Bom, não há outra saída a não ser uma conversa franca. Dê a ele a certeza de que você o ouvirá deixando de lado sua porção "juíza" (que todas nós temos). Não o ameace, não o critique de antemão, apenas ouça. Se ele não destravar, sugira uma terapia. E, se nada disso funcionar, não se acomode, pense no seu futuro. Sexo não é algo desprezível numa relação, você sabe. **MARTHA MEDEIROS**

**Imagem 01: A carta de conselhos na revista Claudia online**

**Fonte:** <http://mdemulher.abril.com.br/claudia>



**Tenho um namorado maravilhoso, nosso relacionamento é excelente. Porém, ele me traiu. Confessou a traição, mas implorou para que eu continue com ele. Eu o amo muito, então resolvi dar uma chance, mas está sendo muito difícil aceitar tudo isso. O que vocês me dizem?**

Eve, não é porque seu namorado não resistiu uma vez que está fadado a ser um eterno galinha. Para o psiquiatra e colunista de NOVA Paulo Gaudencio, ele pode voltar a ser fiel, desde que tenha uma motivação. "O instinto sexual precisa de novidade. Sendo assim, ser monógamo frustra uma necessidade natural. E aí, para eu aceitar uma frustração, preciso ter uma compensação. Seu namorado mudará de atitude ao ver vantagem em não passar mais pelo castigo de ser descoberto, em agradar a mulher amada, em investir em uma relação..." O Dr. Gaudencio acrescenta que o que faz homens comprometidos traírem com tanta facilidade é a certeza da impunidade. Você decidiu dar a ele uma segunda chance. Disse ao rapaz que se vacilar novamente não terá seu perdão? Você ganha pontos se falar isso sem aquele tom agressivo, apenas com seriedade. No mais, é importante que o casal avalie a situação e tome essa decisão em conjunto. "Então, o que tem a fazer é superar a história e seguir em frente", aconselha a psicoterapeuta Alina Discepolo Barone.

**Imagem 02: A carta de conselhos na revista Nova online**

**Fonte:** <http://mdemulher.abril.com.br/nova>

A partir disso, após uma breve contextualização sobre as revistas direcionadas ao público-leitor feminino, direcionamos nosso estudo para a análise das cartas em consonância ao objetivo da presente pesquisa.

### **As imagens de(o) discurso nas cartas**

Entendemos que todo discurso é saturado por valores e projeções ideológicas, e, ao estudarmos os efeitos de sentido desse discurso, estamos, dentre outros aspectos, buscando desconstruir essas projeções e marcas valorativo-ideológicas. Nas cartas analisadas, identificamos as seguintes projeções/imagens de(o) discurso:

a) Da aparência e das responsabilidades profissionais:

Ex.: 01 - [...] Caso ambos sejam solteiros e tenham trocado carícias fora do ambiente profissional, não creio que haja qualquer problema. Se tiver ocorrido dentro da empresa, mesmo que fora do horário de trabalho, os riscos de ambos serem julgados de forma negativa são grandes. Não repita o comportamento e, se for questionada a respeito pela chefia, desculpe-se, garanta que foi a última vez e ponto final. (Carta #3. Revista Cláudia).

b) Da heterossexualidade responsável (EGGINS; IEDEMA, 1997):

Ex.: 02 - Atração, interesse e afeto são difíceis de esconder. Não tem jeito. O que é preciso esclarecer é o que há entre vocês. Por que tem de esconder dos outros o relacionamento? É só uma aventura? Um de vocês é casado? É filosofia da empresa não ter casais entre os funcionários? Prestem atenção no que há de fato entre vocês e, se for para valer, enfrentem o chefe ou decidam quem vai procurar outro emprego...

**DULCE CRITELLI** (Carta #3. Revista Cláudia).

c) Da personalização (EGGINS; IEDEMA, 1997), isto é, “a construção de uma suposta relação individual e autônoma com a leitora” (HEBERLE, 2004, p. 97):

Ex.: 03 - Estranho mesmo. Vocês são casados há pouco tempo, era para a relação ainda estar dando um belo caldo. Mas vem cá... E quando namoravam? Era diferente? Ele era sexy com você ou já dava sinais de desinteresse? Bom, não há outra saída a não ser uma conversa franca. Dê a ele a certeza de que você o ouvirá deixando de lado sua porção "juíza" (que todas nós temos). Não o ameace, não o critique de antemão, apenas ouça. Se ele não destravar, sugira uma terapia. E, se nada disso funcionar, não se acomode, pense no seu futuro. Sexo não é algo desprezível numa relação, você sabe.

**MARTHA MEDEIROS** (Carta #4. Seção solução do especialista. Revista Cláudia).

d) Da simulação de um diálogo implícito como estratégia persuasiva (STOLL, 1998, *apud* HEBERLE, 2004):

Ex.: 04 - Eve, não é porque seu namorado não resistiu uma vez que está fadado a ser um eterno galinha. Para o psiquiatra e colunista de NOVA Paulo Gaudêncio, ele pode voltar a ser fiel, desde que tenha uma motivação. "O instinto sexual precisa de novidade. Sendo assim, ser monógamo frustra uma necessidade natural. E aí, para eu aceitar uma frustração, preciso ter uma compensação. Seu namorado mudará de atitude ao ver vantagem em não passar mais pelo castigo de ser descoberto, em agradar a mulher amada, em investir em uma relação..." O Dr. Gaudêncio acrescenta que o que faz homens comprometidos traírem com tanta facilidade é a certeza da impunidade. Você decidiu dar a ele uma segunda chance. Disse ao rapaz que se vacilar novamente não terá seu perdão? Você ganha pontos se falar isso sem aquele tom agressivo, apenas com seriedade. No mais, é importante que o casal avalie a situação e tome essa decisão em conjunto. "Então, o que tem a fazer é superar a história e seguir em frente", aconselha a psicoterapeuta Alina Discepolo Barone. (Carta #5. Revista Nova).

e) Da singularidade e da individualização: “[...] estratégia utilizada pelos produtores de diferentes textos midiáticos [...] para tratar cada pessoa como se fosse única. Trata-se de uma estratégia capitalista de se dirigir ao grande público como se fossem indivíduos.” (HEBERLE, 2004, p. 99):

Ex. 06 - [...] Você se casou aos 19, se divorciou aos 42 e voltou a ter 17, graças ao amor, que suspende a realidade e confere aos amantes a idade que eles se atribuem. A intensidade do seu sentimento dá medo, como se a morte imaginária vivida na relação sexual fosse a morte propriamente dita. Sexo não mata, revitaliza. Salvo quando o fogo da paixão é tomado pelo fogo do inferno porque o sexo está associado à culpa. (Carta #2 – Seção da solução do especialista. Revista Nova).

Após a análise dos efeitos de sentido, podemos entender que as imagens de(o) discurso consubstanciam o sentido deste. Em outras palavras, toda imagem de(o) discurso traz consigo um tom avaliativo (MEDEVIÉDEV, 2012 [1928])/uma orientação apreciativa (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929]) que, por sua vez, integra o sentido do discurso. É o tom que potencializa o sentido discursivo, tornando-o significativo na situação de interação. Nas análises acima, cada imagem constitui-se por tons específicos que não apenas projetam semântico e axiologicamente sentidos singulares, como, por conseguinte, engendram-se em valores ideológicos específicos. Para Medviédev (2012 [1928]),

O que então, na realidade, é aquele elemento que reúne a presença material da palavra com o seu sentido? Supomos que esse elemento seja a avaliação social. [...] Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude de seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido [...]. No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. (p. 183-185)

Como podemos observar nas postulações de Bakhtin [Volochínov] (2006 [1929]) e Medviédev (2012 [1928]), a avaliação apreciativa consubstancia o enunciado (e suas formas tipificadas, os gêneros) tanto em termos de significação quanto de sentido situacional, isto é, a avaliação social integra o enunciado, determinando “[...] a escolha do objeto, da palavra, da forma e sua combinação individual [...]” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 184). Assim, as imagens de(o) discurso acima analisadas são, portanto, construções semântico-valorativas de dizer sobre e para o mundo, discursivizadas nas cartas. Sob essa perspectiva, na seção a seguir, destinamos nossa discussão para a análise das imagens de(o) sujeito que, em adição, são discursivizadas nas cartas em análise e que, em relação com as imagens de(o) discurso, constituem o funcionamento desse gênero.

### **As imagens de(o) sujeito nas cartas**

Nesta seção, procuramos apresentar a análise das representações da mulher discursivizadas na voz dos especialistas (a voz do outro). Nosso objetivo é compreender como a voz do especialista constrói imagens que se entrecruzam no discurso das cartas.

Em outras palavras, objetivamos responder a questão: que efeitos de sentido e imagens a voz do outro projeta para a mulher a partir da interação que se estabelece entre ela e o especialista por meio da carta de conselhos? Nas cartas analisadas, observamos as seguintes imagens de(o) sujeito discursivizadas:

a) **a mulher contraditória:** a mulher entregue às dualidades e às contradições do prazer ou da obrigação. Representação construída por meio do discurso da contradição, isto é, quando na voz do especialista estão saturados valores dualistas, que podem levar a mulher a pensar sobre qual caminho a seguir: o da fantasia ou o da realidade.

Ex.: 01 - É um risco que você corre, mas, se o seu comportamento com o colega não interfere nas suas obrigações, no respeito ao ambiente de trabalho e na imagem da empresa, acho pouco provável que seu chefe a prejudique por causa disso. Se alguém tentar tocar no assunto, não dê chance a fofocas: desconverse, ou seja, dura, se necessário, deixando claro que sua vida diz respeito unicamente a você. (Carta #3. Revista Cláudia).

b) **A mulher antagônica:** é a mulher entregue às transgressões carnisais ou às resignações divinas: representações construídas por meio de vozes contraditórias que levam a mulher a refletir sobre seus desejos carnisais ou sobre sua resignação ao religiosamente correto. Nesse discurso, a voz do outro é saturada por valores antagônicos, como céu e inferno, bem e mal.

Ex.: 02 - Atração, interesse e afeto são difíceis de esconder. Não tem jeito. O que é preciso esclarecer é o que há entre vocês. Por que tem de esconder dos outros o relacionamento? Isso é bom? É só uma aventura? Um de vocês é casado? É filosofia da empresa não ter casais entre os funcionários? Prestem atenção no que há de fato entre vocês e, se for para valer, enfrentem o chefe ou decidam quem vai procurar outro emprego...  
(Carta #3. Revista Cláudia).

c) **A mulher dividida:** a mulher que se depara entre sua profissão e sua paixão: representação construída por meio da discursivização da voz do especialista que apresenta soluções bidimensionais à mulher, isto é, há dois caminhos, cabe à mulher decidir qual: render-se à paixão ou seguir sua carreira profissional.

Ex.: 03 - **Troquei beijos e carícias com um colega. Trabalhamos na mesma sala, somos sérios e discretos, mas sinto que algumas pessoas estão desconfiadas e tenho medo de que isso possa me prejudicar se chegar aos ouvidos do chefe.** Caso ambos sejam solteiros e tenham trocado carícias fora do ambiente profissional, não creio que haja qualquer problema. Se tiver ocorrido dentro da empresa, mesmo que fora do horário de trabalho, os riscos de ambos serem julgados de forma negativa são grandes. Não repita o comportamento e, se for questionada a respeito pela chefia, desculpe-se, garanta que foi a última vez e ponto final. (Carta #3 Revista Cláudia).

d) **A mulher atenciosa:** é aquela ouvinte, compreensiva quanto aos seus problemas conjugais: representação da mulher que busca sempre escutar seu

cônjuge, compreendê-lo e que busca conjuntamente resolver os problemas de relacionamento.

Ex.: 04 - **Tenho 27 anos e estou casada há três com um homem de 30 que nunca me procura. Sou bonita, ando bem arrumada e tenho certeza de que sou desejável. Ele também é vaidoso, pratica jiu-jitsu e sei que não me trai. Nossos amigos acham que ele é gay. Como fazê-lo confiar em mim e me contar o que se passa? Aliás, o que se passa?** Estranho mesmo. Vocês são casados há pouco tempo, era para a relação ainda estar dando um belo caldo. Mas vem cá... E quando namoravam? Era diferente? Ele era sexy com você ou já dava sinais de desinteresse? Bom, não há outra saída a não ser uma conversa franca. Dê a ele a certeza de que você o ouvirá deixando de lado sua porção "juíza" (que todas nós temos). Não o ameace, não o critique de antemão, apenas ouça. Se ele não destravar, sugira uma terapia.

E, se nada disso funcionar, não se acomode, pense no seu futuro. Sexo não é algo desprezível numa relação, você sabe.

**MARTHA MEDEIROS** (Carta #4. Revista Cláudia).

e) **A mulher santa:** aquela que perdoa as traições do cônjuge: representação da mulher que atenciosamente busca entender o porquê da traição. Essa representação é construída na voz do especialista que, por sua vez, é consubstanciada pela naturalização da traição masculina.

Ex.: 05 - **Tenho um namorado maravilhoso, nosso relacionamento é excelente. Porém, ele me traiu. Confessou a traição, mas implorou para que eu continue com ele. Eu o amo muito, então resolvi dar uma chance, mas está sendo muito difícil aceitar tudo isso. O que vocês me dizem?** Eve, não é porque seu namorado não resistiu uma vez que está fadado a ser um eterno galinha. Para o psiquiatra e colunista de NOVA Paulo Gaudêncio, ele pode voltar a ser fiel, desde que tenha uma motivação. "O instinto sexual precisa de novidade. Sendo assim, ser monógamo frustra uma necessidade natural. E aí, para eu aceitar uma frustração, preciso ter uma compensação. Seu namorado mudará de atitude ao ver vantagem em não passar mais pelo castigo de ser descoberto, em agradar a mulher amada, em investir em uma relação..." O Dr. Gaudêncio acrescenta que o que faz homens comprometidos traírem com tanta facilidade é a certeza da impunidade. Você decidiu dar a ele uma segunda chance. Disse ao rapaz que se vacilar novamente não terá seu perdão? Você ganha pontos se falar isso sem aquele tom agressivo, apenas com seriedade. No mais, é importante que o casal avalie a situação e tome essa decisão em conjunto "Então, o que tem a fazer é superar a história e seguir em frente", aconselha a psicoterapeuta Alina Discepolo Barone. (Carta #5 Revista Nova).

O que podemos observar é que, nas diferentes representações da mulher a partir da discursivização da voz do outro nas cartas de conselhos, é possível concebermos uma imagem de mulher dual e contraditória; dividida e indecisa; angustiada e ansiosa; e ao mesmo tempo, preocupada com sua ascensão profissional, mas, em adição, atenta e compreensiva com seu marido e com os problemas de seu relacionamento conjugal. É a mulher de identidades múltiplas, contraditórias e fragmentadas. É o discurso da voz do outro que recupera a confluência entre o pessoal (o privado, a família, o relacionamento) e o público (a

profissão, os desejos, as ambições). A esse respeito pontua Heberle (2004, p. 93-94):

Nas revistas femininas também encontramos essa dualidade [entre o local e o global], que se manifesta na tentativa de integração de hábitos, valores e costumes globais, coletivos, com tendências individuais. Cada leitora é situada num contexto específico [...].

Após discutirmos algumas das representações da mulher contemporânea discursivizadas na voz do outro por intermédio da interação entre a mulher e o especialista por meio do gênero discursivo carta de conselhos, nos direcionamos para as considerações finais.

### **Considerações finais**

Em relação às discussões apresentadas, indagamos: é essa a imagem da mulher do século XXI? Contraditória, antagônica, dividida, atenciosa e “santa”? Enfim, por que representar a mulher sob esses matizes? Como compreender a mulher e suas relações pessoais sob essas construções? Por que ainda são ressaltadas essas características? Para discutirmos essas questões de constituição do sujeito e de suas representações, retomamos as postulações de Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]; [VOLOCHÍNOV] 2006[1929]) quanto ao princípio da constituição dialógico-valorativa do sujeito.

Bakhtin (2006[1929]) estabelece a interação como a realidade fundante da linguagem, ou seja, não usamos a linguagem como enunciados monológicos e isolados, nem como uma estrutura ou um sistema voltado a si mesmo, mas como essência de nossa sociabilidade e intersubjetividade. Sob esse panorama, o autor discute a natureza do sujeito, como bem pontua Dahlet (2005, p. 55), para Bakhtin e seu Círculo, “o sujeito é feito do que ele não é”.

O que a perspectiva bakhtiniana procura ressaltar na afirmação anterior: “o sujeito é feito do que ele não é”, é exatamente a postulação da alteridade como unidade de construção do subjetivo. Em outras palavras, a alteridade como instância constitutiva do sujeito. “Vinda com a enunciação, a alteridade faz parte da unidade. Essa incorporação do exterior no interior através da enunciação equivale a colocar em crise a unicidade do sujeito” (DAHLET, 2005, p. 55).

Assim, ao enquadrarmos essas considerações na instância discursiva das cartas de conselhos, podemos observar o quanto a voz do outro, em seu princípio de alteridade, satura valorativamente a construção sociodiscursiva do sujeito mulher na contemporaneidade. A voz do especialista (o outro) não apenas engendra-se na voz da mulher como, em adição, engendra sua própria constituição enquanto sujeito.

Na procura de respostas aos seus problemas, a mulher recupera a voz do especialista e incorpora seus direcionamentos, sugestões e conselhos como princípios a serem seguidos. Reenuncia a voz do outro e enquadra axiologicamente esse discurso em seu próprio. Constrói-se enquanto sujeito a partir daquilo que ela não é, mas a partir daquilo que é direcionada, sugerida, orientada, aconselhada a ser.

Assim, o sujeito mulher na contemporaneidade apresenta-se construída por “discursos híbridos e (in)acabados por vozes em concorrência e sentidos em conflitos” (DAHLET, 2005, p. 56). Vozes que se entrecruzam e saturam o discurso da mulher, não apenas influenciando suas representações, mas, de fato, projetando suas ações. Para Dahlet (2005, p. 56), essa confluência de vozes que se dá nas práticas interativas diretamente ligadas à construção do sujeito na contemporaneidade,

[...] tem consequências na organização do sujeito. [...] o sujeito modifica o seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, sejam elas reais ou imaginadas, e desse outro, localizado em seu interlocutor, e, portanto, esse mesmo sujeito não é a fonte primeira do sentido.

Em síntese, não podemos estudar o sujeito enquanto coisa ou objetificado em função da impossibilidade de se investigar e significar o sujeito fora de seu discurso, “já que só pode ser apreendido como uma propriedade de vozes que ele enuncia” (DAHLET, 2005, p. 58). Com isso, é a partir do discurso da mulher e de sua voz nas cartas de conselhos que buscamos entender suas representações enquanto sujeito e os efeitos de sentido que se articulam e se entrecruzam na construção de sua subjetividade. Entendemos que a representação da mulher está em contínua ressignificação e reavaliação, à medida que não apenas suas práticas interacionais são sensíveis às mudanças sócio-histórico-culturais, como, em adição, sua

subjetividade é reconstruída como tal, “a partir da realidade de vozes de seu discurso” (DAHLET, 2005, p. 58). Em conclusão, compreendemos que

[...] sem um outro finalizador, “eu” não posso realizar uma imagem de mim mesmo, assim como não posso estar cômico do modo como a minha mente funciona quando não sou autoconsciente e não posso saber a imagem que eu ofereço ao mundo olhando-me num espelho. Um eu integral, uma autodefinição experimental, requer um “outro”. Para conhecer a si mesmo, para conhecer a sua imagem no mundo, impõe-se a exterioridade finalizadora do outro. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 109, grifos dos autores).

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**. Teoria do Romance. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998[1975].

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. (1979). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. [VOLOSHINOV]. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. (1963). Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CAMERON, D. **Verbal hygiene**. London, NY: Routledge, 1995.

DAHLET, P. Dialogização Enunciativa e Paisagens do Sujeito. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 55-87.

EGGINS, S; IEDEMA, R. Differences without diversity: semantic orientation and ideology in competing women’s magazines. In: WODAK, R. (ed.) **Gender and Discourse**. London: Sage, 1997. p. 165-196.

FIGUEIREDO, D. C. Como ser assertiva e politicamente correta na cama: sexualidade feminina na revista. **The Specialist**. v. 15, n.1/2, p. 121-136, 1997.

GEORGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**: polêmicas de nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2005.

HEBERLE, V. M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias? **Linguagem em (Dis)Curso**. Tubarão: UNISUL, v.4, n.esp. 2004.

\_\_\_\_\_; OSTERMANN, A. C; FIGUEIREDO, D. C. **Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários.** São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MORSON, G. S; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística.** Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana.** São Paulo: Contexto, 2011.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

Recebido em 18 de fevereiro de 2015

Aprovado em 27 de novembro de 2015